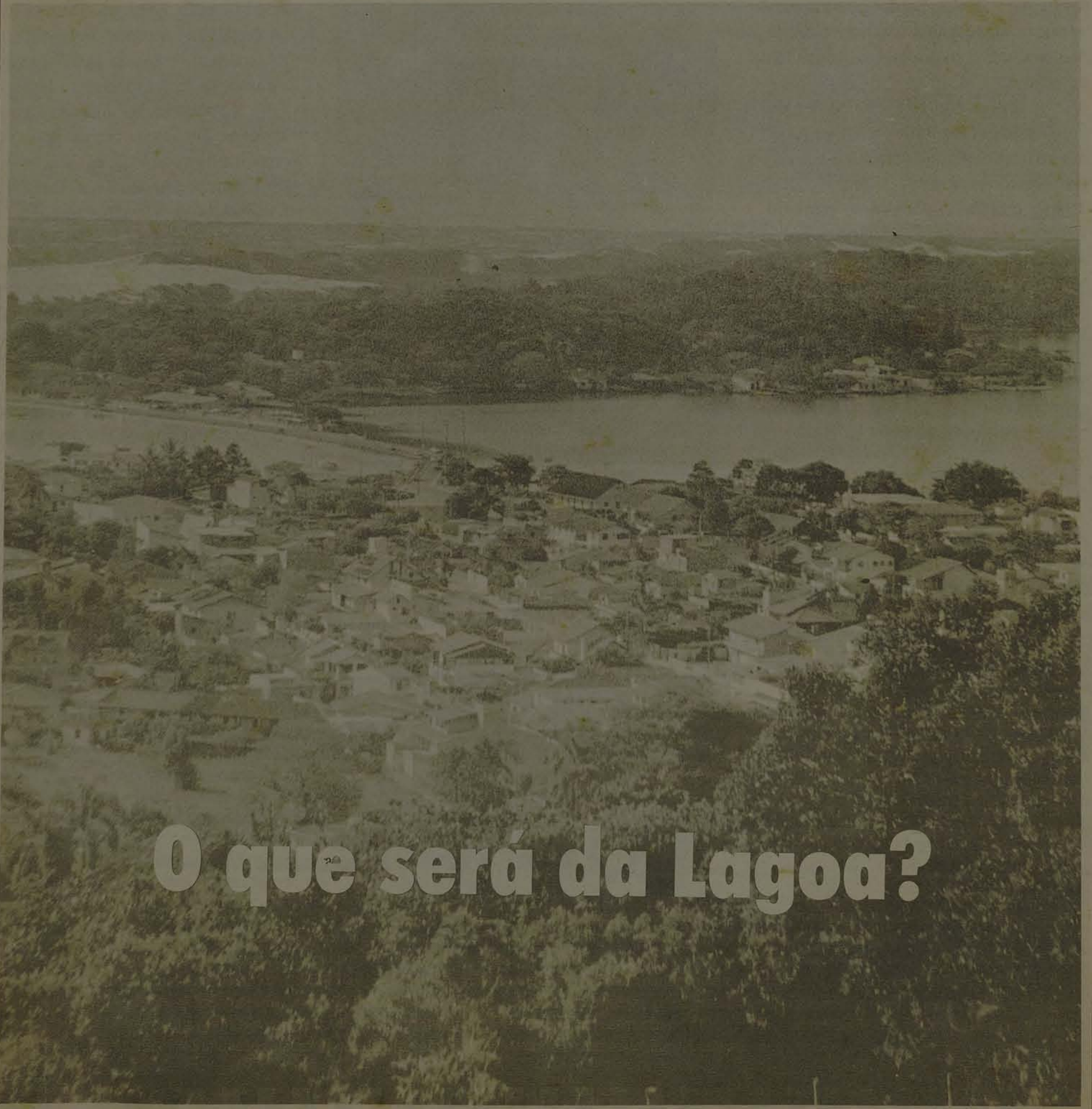


# ZERO

LAGOA

Jornal laboratório do Curso de Jornalismo - UFSC - dezembro de 1997 - edição especial



O que será da Lagoa?



# Editorial

A Fundação Lagoa reuniu, entre os dias 28 e 29 de agosto, representantes de associações comunitárias, de entidades ambientais, de órgãos do Governo e de professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para debater junto com a comunidade os problemas, as perspectivas e o futuro da região da Lagoa. A organização do *I Seminário de Planejamento da Lagoa da Conceição* é significativa, neste momento em que a Ilha de Santa Catarina passa por mudanças que podem alterar de maneira irreversível a qualidade de vida na cidade.

A região que os participantes do Seminário querem transformar em parque reúne um grande patrimônio biológico, histórico e paisagístico. No alto de seus morros, concentra-se parte do 1% que resta da mata primária da cidade. Fundada em 1750, a freguesia de Nossa Senhora da Conceição foi uma das primeiras povoações açorianas da Ilha. A riqueza de suas águas atraiu moradores ainda mais antigos, entre os quais os índios itararés e carijós, de quem restam vestígios como inscrições rupestres e sambaquis.

Nos últimos anos, a pacata freguesia transformou-se em um moderno bairro, onde se concentra uma população variada, vinda de diversos lugares. Nativos, brasileiros de diferentes estados e estrangeiros conferem à Lagoa um jeito diferente, que a destaca de outras regiões de Florianópolis. Mas o modelo de desenvolvimento em voga, fundado em concepções que privilegiam o turismo de massa e a ocupação intensiva do solo, gera problemas incontornáveis. A preservação das características da Lagoa da Conceição torna-se cada vez mais difícil.

A iniciativa da Fundação Lagoa acontece em um momento decisivo para o futuro da cidade. Interesses econômicos aliados à ausência de fiscalização, à omissão e conivência do poder público e à inexistência de uma política ambiental deixam o espaço livre para a ocupação desordenada do solo e a degradação do patrimônio cultural e ecológico, sem mencionar o desrespeito à cidadania. O Seminário concluiu que somente a educação ambiental e a participação da população podem re-

**O FUTURO DA LAGOA**  
O que queremos?

**I Seminário de Planejamento da Lagoa da Conceição: DIRETRIZES GERAIS**

**Programa**

| dia 28/08 - quinta-feira  | dia 29/08 - sexta-feira   | dia 30/08 - sábado   |
|---|---|--|
| 18:00 Vídeos "Anga" e "Vozes da Lagoa". Painéis de trabalhos científicos e culturais.   | 18:00 Filmes/ Painéis de trabalhos científicos e culturais sobre a Lagoa.     | 14:00 Desenhos de crianças sobre o futuro da Lagoa - Vídeos - Painéis. |
| 18:30 Apresentação das entidades da Lagoa: suas idéias e necessidades.  | 19:00 Palestras: Depto. Biologia (UFSC), Engenharia Sanitária (UFSC) e CASAN. | 14:30 Sonhos e Reclamações - microfone aberto para a comunidade.       |
| 19:00 Palestras: Central Comunitária da Lagoa - IPUF, Depto. de Arquitetura (UFSC).   | 21:00 Perguntas da comunidade aos palestrantes e debatedores.                 | 15:30 Grupos de Trabalho - Elaboração das propostas finais.            |
| 20:00 Debate: ARQ/UFSC, IPUF, SUSP 104, CASAN, FATMA, CONCEIÇÃO FREGUESIA, IBAMA, CIDASC, ANES, Secretaria da Pesca e Política Ambiental. | 21:00 Grupos de trabalho.   | 17:00 Apresentação das propostas finais dos Grupos de Trabalho.        |
| 20:30 Perguntas da comunidade aos palestrantes e debatedores.   |   | 19:30 Apresentação da Peça Teatral "Vivo numa Ilha" (Grupo A).         |
| 21:00 Organização de Grupos de Trabalho com a comunidade, palestrantes e debatedores.   |   |  |

**Temas dos Grupos de Trabalho**

1. Espaço público: O uso das áreas verdes, as orlas, ruas, praças, parques; as águas da Lagoa.
2. Sistema viário: Transporte público e particular; circulação de veículos - pedestres - bicicletas - barcos.
3. Zoneamento e uso do solo e da água: Construindo o quê e onde? Usos residenciais, comerciais, turísticos e de preservação - como eles podem conviver.
4. Saneamento Básico: Esgoto e rede de água potável.

28 a 30 de Agosto  
Sociedade Amigos da Lagoa - SAL  
Lagoa da Conceição - Florianópolis

maiores informações:  
962-2904 (Móveis) - Fundação LAGOA  
331-9393 (Danúbio) - ARQ/UFSC  
www.arq.ufsc.br

## Fórum

O ZERO LAGOA está interessado na opinião do leitor, morador da Lagoa ou não. Para isso, oferece endereço, telefone, fax e e-mail para correspondência.

O objetivo é criar uma seção de debates, onde os leitores possam criticar, elogiar, oferecer sugestões e analisar a edição. O endereço para cartas é: Curso de Jornalismo (UFSC - CCE), Campus Universitário da Trindade. CEP 99040-900. Florianópolis, SC.

O jornal também possui e-mail, que foi adotado para facilitar o contato com a equipe. O endereço de cada repórter e fotógrafo está no fim da respectiva matéria.

O leitor tem a oportunidade de opinar através dos telefones da redação: (048) 331 92 15 e 331 94 90.

zero@cce.ufsc.br

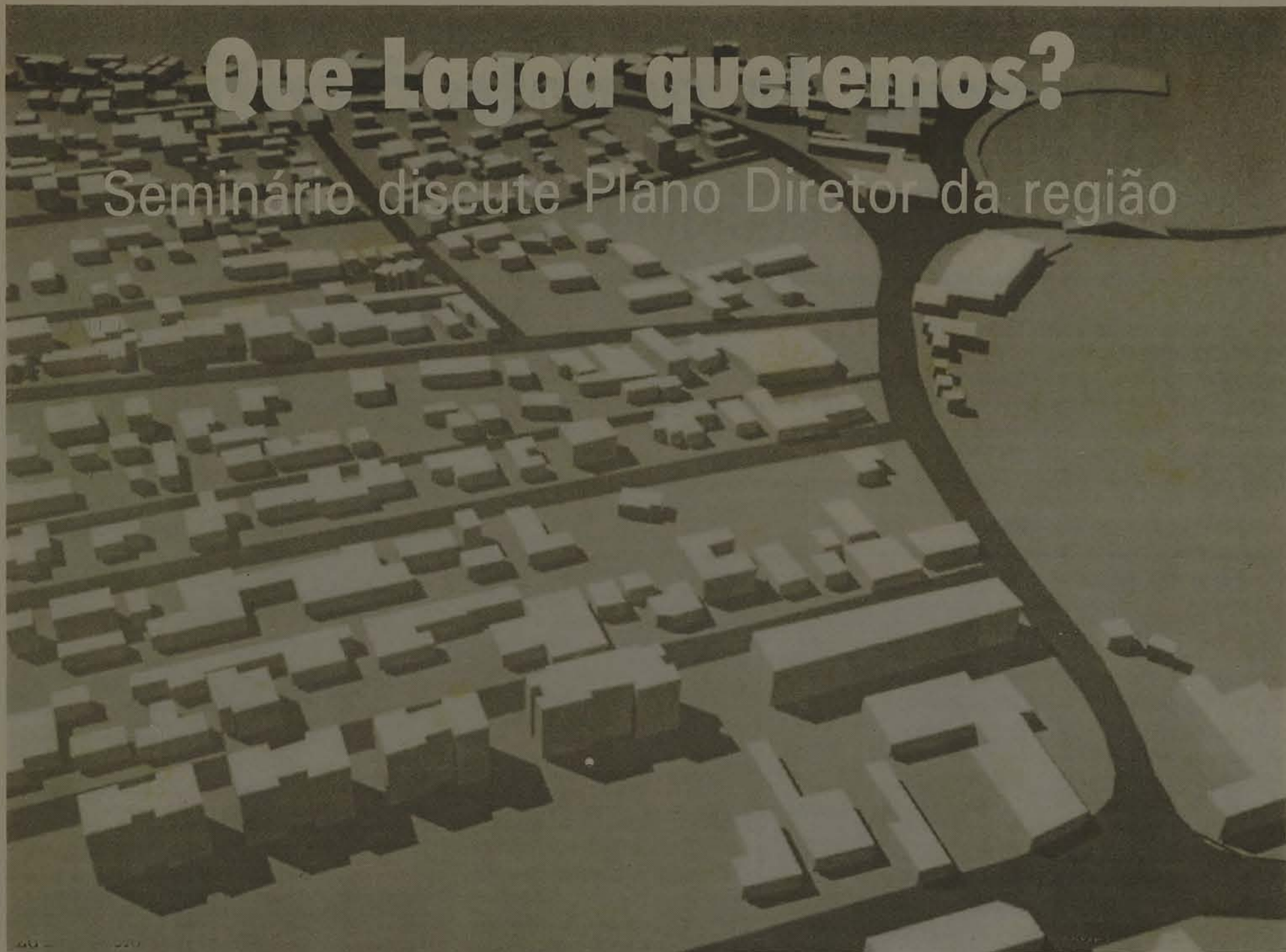
## Expediente.

**Jornal Laboratório do Curso de Comunicação - Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Projeto Gráfico:** Henrique Finco. **Projeto Editorial:** Professor Henrique Finco e alunos da disciplina "Jornal Laboratório Zero" - semestre 2/1997. **Encarte Zero Lagoa:** Alunos de "Redação 4" - Professora Sônia W. Maluf. **Reportagem:** Camila Manfredini, Daniel Burigo, Diego Singh, José Lacerda, Larissa Schmidt, Magaly de Fátima Negrão, Murilo Farias, Rafael Sens, Roberta Schwinzer, Sabrina d'Aquino, Samanta Lopes, Tatiana Wittmann. **Edição:** Camila Manfredini e Murilo Farias. **Copidesque e texto final:** Murilo Farias. **Fotografia:** Andréa Marques, Carolina Heinen, Henrique Finco, Murilo Farias e Samanta Lopes. **Edição de Fotografia:** Equipe editorial. **Editoração eletrônica:** Camila Manfredini e Murilo Farias. **Coordenação:** Prof. Henrique Finco. **Redação:** Curso de Jornalismo (UFSC-CCE), Campus Universitário da Trindade - Florianópolis, SC. CEP 88040-900. **Telefones:** (048) 331 92 15 e 331 94 90. **Fax:** (048) 234 40 69. **E-Mail:** zero@cce.ufsc.br - **Tiragem:** 3 000 exemplares **Distribuição Gratuita. Circulação dirigida.**



# Que Lagoa queremos?

## Seminário discute Plano Diretor da região



Maquete/Arquitetura/UFSC

Prédios e casas espremidos em ruas estreitas. Caminhões, carros e ônibus lotados presos em engarrafamentos constantes, que já não se limitam aos horários de pique e que as novas avenidas duplicadas não conseguem mais fazer escoar. Olhos irritados e problemas respiratórios causados pela fumaça dos escapamentos. As árvores são raras: não se ouve os pássaros faz muito tempo e caminhar embaixo de sol forte é um sofrimento. Impossível sentar em um barzinho à beira da água, tão ruim é o cheiro que sobe dos esgotos lançados sem um tratamento adequado.

Uma descrição comum aos grandes centros urbanos do Brasil de hoje? Mais que isto. Esta pode ser a paisagem que o visitante da Lagoa da Conceição irá admirar - decepcionado - em 2007. Baseados nas diretrizes do atual Plano Diretor do IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis) os pesquisadores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC prevêem uma alteração profunda nos próximos dez anos. Para impedir esta transformação brutal, a Fundação Lagoa, com o apoio da UFSC, organizou nos dias 28, 29 e 30 de agosto o I Seminário de Planejamento da Lagoa da Conceição.

A Fundação, uma entidade não-governamental sem fins lucrativos que há três anos promove ações em defesa do meio ambiente, convidou arquitetos, engenheiros sanitaristas, representantes de

órgãos municipais e moradores da região. Palestras e exposições de filmes antecediam as reuniões de quatro grupos de trabalho, nos quais membros da comunidade, palestrantes e debatedores discutiam planos de ação para solucionar problemas de saneamento básico, transporte, espaços públicos e uso do solo e das águas da Lagoa.

Além da alteração do Plano Diretor do mu-

oportunidade de ouvir as idéias e necessidades dos moradores”, diz Márcia de Souza, integrante da Fundação Lagoa. Um diálogo que raramente acontece. No Campeche, por exemplo, a comunidade luta contra as imposições do IPUF, que planeja assentar 450 mil moradores na região. Só para se ter uma idéia, estima-se em cerca de 300 mil pessoas a população atual da Ilha.

Apesar de muitos pontos pendentes, depois desses três dias há um consenso sobre o que a comunidade não quer para a Lagoa: prédios de quatro andares impedindo a visão da paisagem, jet-skis e lanchas poluindo as águas, criação de praias particulares impedindo o acesso público à orla, ocupação desordenada das encostas. Pelo contrário: o aumento das áreas de preservação permanente e de lazer e a transformação da região em um imenso Parque são as saídas propostas para preservar um dos lugares mais belos da Ilha de Santa Catarina.

Técnicos prevêem  
alterações  
profundas  
em 10 anos

nício, projetos como a duplicação da avenida das Rendeiras e a construção da Marina Porto da Barra preocupam os organizadores. Estimular o início de um melhor entendimento entre o governo e a comunidade foi outro objetivo do seminário. “É importante dar ao governo e aos vereadores a

Samanta Lopes

a9618339@cce.ufsc.br

Sabrina d'Aquino

a9618338@cce.ufsc.br



# Situação do esgoto é crítica

## Só 20% da comunidade é atendida

A falta de um planejamento urbano adequado para a Lagoa da Conceição compromete cada vez mais a qualidade do saneamento básico na região. A ocupação desordenada, e muitas vezes clandestina, agrava os problemas já existentes na infraestrutura urbana. O atual sistema de esgotamento sanitário funciona de maneira bastante precária. Esta deficiência tem impacto direto na saúde pública e compromete os recursos hídricos, degradando o

dois metros do lençol freático e a manutenção regular a cada dois anos”, complementa o professor.

### Jeitinho

Por ser mais fácil e barato, muitos moradores e comerciantes ligam o esgoto diretamente na rede pluvial - que recolhe as águas da chuva. O resultado é o escoamento de dejetos para a Lagoa. O contrário também acontece: o volume de água em períodos de chuvas in-

tensas satura o sistema. A Estação de Tratamento transborda causando a infiltração de efluentes nas dunas, onde se formam pequenas lagoas de despejos.

O mau funcionamento do esgoto é agravado pelas irregularidades cometidas por restaurantes e lanchonetes. Embora a maioria dos estabelecimentos esteja ligada à rede, geralmente eles desativam as caixas de

gordura, que exigem uma manutenção periódica. Para se ter uma idéia, uma lanchonete chega a acumular 40 litros de gordura por semana. Sem passar pela caixa, os dejetos seguem direto para o esgoto, obstruindo os canos e o sistema de bombeamento. Como ressalta a desenhista e moradora da Lagoa, Lis Figueiredo: “Os empresários costumam capitalizar os lucros e socializar os problemas”.

A colocação de uma caixa na entrada da Estação de Tratamento foi uma das alternativas encontradas pela Casan para evitar complicações no beneficiamento do esgoto. A empresa apenas minimizou os efeitos, sem atacar as causas, ou seja: que cada estabelecimento comercial trate previamente seus dejetos sanitários.

Esta idéia foi levantada no I Seminário de Planejamento da Lagoa da Conceição. A gordura seria separada nos estabelecimentos comerciais para posterior reciclagem. Este procedimento já ocorre no Restaurante Universitário da UFSC: a gordura é recolhida por uma fábrica de sabão, que devolve uma parte do produto beneficiado.

### Ação Integrada

A falta de recursos prejudica o trabalho da Vigilância Sanitária, responsável pela fiscalização do uso do esgoto e dos casos de poluição ambiental. Segundo o técnico da Casan Adilton Vieira, “para se fazer a vistoria de esgoto necessária seria preciso verificar todas as ligações subterrâneas, o que é inviável”.

Um amplo programa de conscientização e educação ambiental - formando e informando a comunidade a respeito do lixo e do esgoto - é a alternativa do Seminário para resolver a questão. Os moradores atuam como fiscais deles mesmos e dos estabelecimentos comerciais. O professor Fernando Sant’Anna também sugere uma ação integrada entre os órgãos responsáveis pelo planejamento urbano (como o IPUF, a Casan, a Susp e a Celesc), as empresas e a comunidade na implantação dos projetos como um dos pontos centrais para reverter este quadro.

Diego Singh

a9618315@cce.ufsc.br

Larissa Schmidt

a9618337@cce.ufsc.br



Drenagem das águas é deficiente

ecossistema da Lagoa.

Inaugurado em 1988, o sistema de esgotamento sanitário era a promessa de solução para boa parte dos problemas de poluição na Lagoa. Porém, o projeto beneficiou apenas a avenida das Rendeiras e parte do centrinho da Lagoa e da rua Osni Ortiga, áreas consideradas mais problemáticas. Além disto, estudos de viabilidade para atender problemas futuros de infra-estrutura da rede e o aumento populacional não foram realizados na época.

Segundo dados do relatório *Análise setorial de abastecimento d'água e esgotamento sanitário*, de 1994, citado na dissertação de mestrado de Shirley Noely Hauff, cerca de 800 residências estão ligadas à rede de esgoto, atendendo aproximadamente dois mil habitantes, de uma população estimada em mais de dez mil pessoas. O preço da ligação das casas à rede de esgoto - cerca de 75 reais - impede que mais pessoas tenham acesso ao sistema.

A maior parte da comunidade ainda usa sistemas individuais, como fossa séptica ou sumidouro. Mas “quando mal instalados, apresentam grande risco de contaminação do lençol freático”, alerta o professor de engenharia sanitária da UFSC, Fernando Sant’Anna. A instalação deve seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que “exige uma distância mínima de

### Água para todos

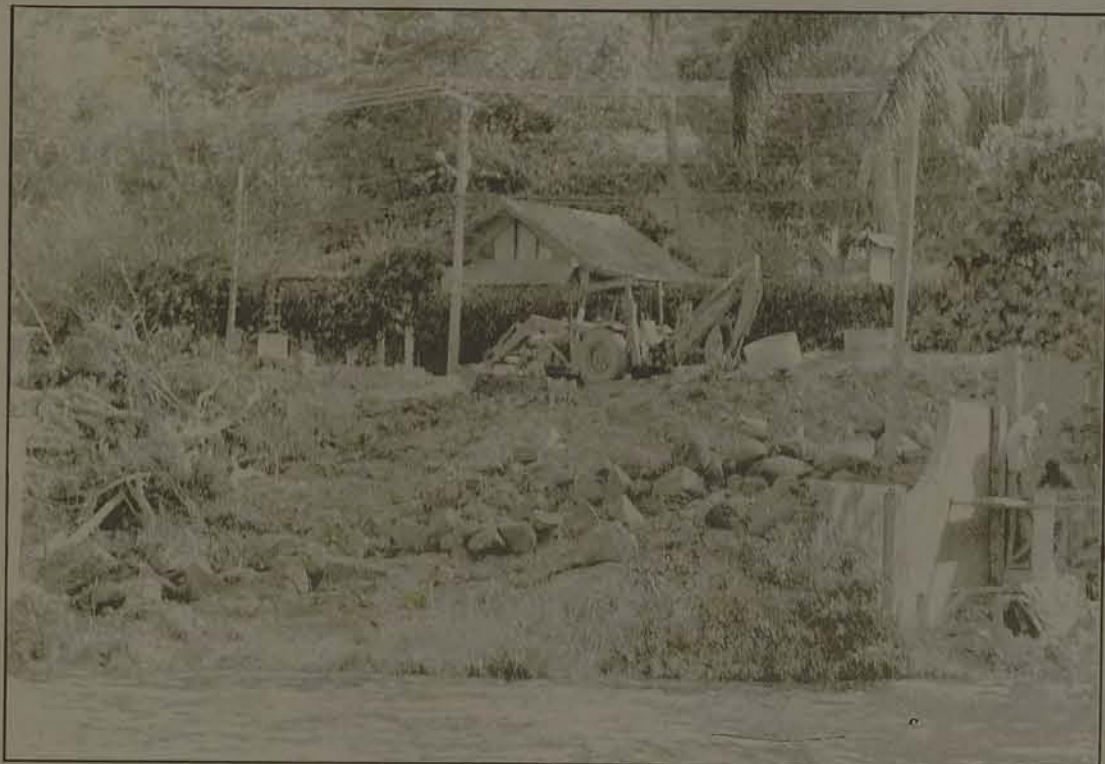
A Lagoa, a exemplo de outras comunidades de Florianópolis, enfrenta um dos maiores problemas de infra-estrutura urbana da cidade: a falta de água. O abastecimento, segundo dados do relatório *Análise setorial de abastecimento d'água e esgotamento sanitário*, atende apenas 20% dos dez mil habitantes da região. Este sistema, porém, está no limite e não permite ampliações. Os moradores do morro da Lagoa, por exemplo, não são atendidos pela Casan. Embora exista um projeto para beneficiar 320 casas nesta zona, a falta de recursos impede a implantação. A situação se complica na alta temporada, quando os poços não conseguem atender ao consumo que aumenta em 42%.

• O Sistema Costa Leste Sul prevê a captação de água da Lagoa do Peri, abastecendo desde o Pântano do Sul até a Barra da Lagoa. O professor Fernando Sant’Anna questiona a eficácia desta alternativa, pois a Bacia Hidrográfica do Peri é insuficiente para atender mesmo as necessidades do sul da Ilha. E conclui: “O sistema da Lagoa do Peri está previsto para abastecer 120 mil pessoas. Mas só no Campeche querem colocar 450 mil. Órgãos como a Casan, a SUSP, e o IPUF deveriam, no mínimo, agir de forma integrada”.



# Poluição compromete Lagoa

## Projeto tenta disciplinar uso das águas



Assoreamento diminui profundidade da Lagoa

“A gente quer água cheirosa e limpinha”. A frase da menina Tais Angélica Teixeira, de 5 anos, revela que a degradação das águas da Lagoa da Conceição não preocupa apenas os adultos. A preservação deste patrimônio natural para as futuras gerações foi um dos pontos de discussão no I Seminário de Planejamento da Lagoa da Conceição. Traçar um Plano Diretor para o uso das águas é o primeiro passo para garantir a qualidade de vida na região (BOX 1).

No entanto, as discussões sobre a criação deste plano tornam-se inúteis caso seja construída a Marina Porto da Barra. O mega-empreendimento da Portobello recebeu da FATMA (Fundação de Amparo a Tecnologia e ao Meio Ambiente) a Licença Ambiental Prévia, que permite a implementação da Marina.

Um parecer, realizado pelos professores da UFSC Tereza Cristina Barbosa e Christian Caubet, revela que, ao conceder a licença, a FATMA violou artigos da Legislação Estadual, que classifica a Lagoa como área de proteção especial. “O Relatório de Impacto Ambiental analisou apenas o canal da Barra, ignorando o fato de que alterações neste canal provocam mudanças em todo o ecossistema da Lagoa”, afirma a professora Tereza.

No mesmo parecer, também estão previstas as consequências ambientais, no caso da construção do Porto da Barra. A presença de poluentes e o ruído dos motores dos barcos faria com que a classificação das águas da Lagoa, hoje pertencente à classe sete, apropriadas ao contato humano e à pesca, passassem para a classe oito, sendo destinadas apenas à navegação (veja o BOX).

### Marina da Barra

Já é a segunda vez que a Portobello tenta implantar a Marina às margens do canal. Em 89, quando foi lançado o projeto, moradores e entidades ecologistas foram contrários à obra. A reação paralisou as negociações para a implementação do Porto.

O projeto original da Marina sofreu algumas mudanças nos últimos oito anos. A área destinada a sua construção é de cerca de 30 mil metros quadrados, e prevê, além da marina – com capacidade para 300 barcos – a construção de cinco ilhas artificiais, além de um hotel, um condomínio e um shopping center.

Desta vez os moradores da Barra da Lagoa estão divididos quanto à aprovação do projeto, apesar do alerta de biólogos e entidades não-governamentais de preservação ao meio ambiente. “Dizem que o Porto da Barra vai acabar com a pesca. Na verdade, ela já acabou há bastante tempo”, diz Rogério Silva, que reside na Barra da Lagoa há mais de dez anos. A afirmação de Rogério se refere à

pesca da tainha, que este ano foi muito ruim.

Já o pescador Ariovaldo Silva, de 59 anos, discorda da maioria dos colegas. “O pessoal daqui está deixando se levar. Eu não tenho estudo, mas pelo menos consigo enxergar um palmo na frente dos olhos”, indigna-se. A desconfiança do pescador faz sentido. As pessoas contrárias ao projeto argumentam que a oferta de trabalho existiria apenas durante a construção do Porto. Depois disto, as vagas fluiriam de acordo com a temporada.

No início de dezembro, o Ministério Público Federal entrou com um pedido de liminar contra a licença emitida pela FATMA. Trata-se de um Processo de Ação Civil Pública, com o apoio dos Sindicato dos Pescadores, da Fundação Lagoa e de um grupo de professores da UFSC. A Ação Civil pretende impedir a dragagem do canal, a abertura dos canais secundários e a poluição do canal pelos barcos.

### Entenda a classificação das águas

A água salgada ou salobra pode ser dividida em duas classes: sete e oito. A primeira enquadra as águas destinadas à recreação – banhos, natação, windsurf e remo – à proteção da vida marinha e à criação de espécies aquáticas para consumo alimentar. Por isso, nesta classificação, o nível de contaminação ou toxicidade das águas deve ser nulo ou baixo.

Já na classe oito, o uso é destinado à harmonia paisagística e à navegação comercial, com a presença de barcos movidos a motores à diesel. As exigências quanto à contaminação e toxicidade não são tão rígidas pois não existe contato com o corpo humano, tolerando-se certo nível de óleo e graxas.

José Lacerda

a9518320@ece.ufsc.br

Murilo Farias

a9518331@ece.ufsc.br

Roberta Schwintzer

a9618335@ece.ufsc.br

### As principais propostas do Plano Diretor

- 1 Abertura da orla, impedindo a privatização das faixas de areia, e permitindo o acesso às praias;
- 2 Demarcar as áreas de balneabilidade;
- 3 Regulamentar o tráfego de lanchas e jet-skis, limitando a potência dos motores, e demarcando áreas de circulação (no mínimo a 200 metros das margens);
- 4 Garantir o cumprimento das leis para o uso

das águas, com a criação de uma guarda de voluntários e a aquisição de um barco para fiscalização;

5 Encaminhar um Projeto de Lei taxando as embarcações da Lagoa, com o objetivo de criar um fundo de financiamento para os programas de preservação;

6 Elaborar um projeto para replantar a vida aquática na Lagoa.



# Ensinar a preservar

## Escolas não priorizam educação ambiental



Crinaças aprendem com arte

Beleza e paz é o que as pessoas procuram ao escolher a Lagoa da Conceição como seu cantinho para morar. Mas o crescimento desorganizado da região trocou o verde e os pássaros pelo lixo e pela poluição. A população, acostumada a viver em um local limpo e preservado, reluta em aceitar tantas mudanças. Segundo Alésio dos Passos Santos, secretário executivo da Fundação Lagoa, este sentimento motivou a organização do seminário: “o nosso futuro está comprometido e está mais do que na hora de conscientizar a comunidade de que ela tem como ajudar”.

No entanto, a educação ambiental na Lagoa ainda é trabalhada por poucas pessoas. Uma delas é Indian Höewell, segundo suas próprias palavras, “uma arte educadora”. Envolvida na Sociedade para Pesquisa e Educação Ambiental (SPEA), ela elaborou o Projeto “Viva o Ambiente Com Arte” que, desde 1995, trabalha a questão ambiental já na infância. As crianças aprendem a preservar o meio ambiente e a reciclar papel. Indian também oferece cursos de reciclagem de lixo para educadores, moradores de condomínios e funcionários de empresas, divulgando seus conhecimentos sobre preservação ambiental. “Estes educadores passam o conhecimento adquirido aos seus alunos, fazendo que com haja uma mudança de hábito e uma melhoria de vida”, resume.

“Queremos que os filhos cobrem dos pais uma postura mais ecológica”

Alésio Santos também considera que o trabalho de educação ambiental deve começar pelas escolas, pois “ensinando as crianças que elas devem preservar o meio ambiente estaremos garantindo um

### FUTURO

futuro melhor”. Assim, os filhos acabam cobrando dos pais uma postura mais ecológica. Mas a realidade das escolas da Lagoa não é muito animadora. Nenhuma das quatro escolas visitadas tem um projeto específico que trate de educação ambiental.

Os colégios onde estudam crianças de até seis anos parecem ser os mais preocupados esta questão. No Núcleo Educacional Infantil (NEI) do Canto da Lagoa, a professora Marilda Martins trabalhou sobretudo a questão do lixo. A escola mandou um questionário para os pais dos alunos e descobriu que poucos reciclavam o lixo da casa. “Como a coleta do lixo seletivo acontece ao lado da escola resolvemos explicar e ensinar às crianças a importância de reciclar”, explica. Agora, as crianças separam o lixo reciclável para ser coletado na escola. Garrafas plásticas e caixas de ovos são transformados em brinquedos. Os alunos também reciclam papel e cuidam de uma horta, adubada com os resíduos orgânicos compostados no jardim do núcleo. Desta forma, elas aprendem e se divertem ao mesmo

tempo, como mostra a menina Mariana, de seis anos: “não podemos jogar lixo no chão, e nem sujar as águas. A lagoa tá ficando poluída, e se a gente não cuidar não vamos mais poder tomar banho”.

O NEI Orivaldina Silva e o NEI Escola Desdobramento Municipal Retiro da Lagoa também desenvolvem programas voltados ao meio ambiente, como visitas a estações de tratamento de esgoto, desenhos e aulas expositivas. Mas as diretoras das duas escolas têm a mesma reclamação: a falta de latões e de caminhões para a coleta seletiva de lixo.

Enquanto isto, a Escola Básica Henrique Veras - a maior escola da Lagoa, com cerca de 550 alunos - não faz nenhum trabalho de educação ambiental. A professora de ciências Marta de Freitas reclama da falta de estrutura. “Já elaborei um projeto e mandei para a prefeitura. O projeto foi negado, apesar de só ter pedido um modo de transportar os alunos”, desabafa. Segun-

do o diretor Rudiberto Medeiros, a escola abordou no começo do ano a possibilidade de reciclar o lixo. Mas, até agora, nada foi feito. “Reciclávamos o lixo há uns três anos atrás, mas os latões estragaram e não o fizemos mais”, explica Medeiros.

### DESAFIO

A falta de estrutura e de apoio da prefeitura estimula novas maneiras de pensar a questão do lixo. Este é o caso da bióloga Márcia de Souza, da Fundação Lagoa, que acha inaceitável “uma comunidade jogar o lixo produzido por ela em outra”. Dentro desta perspectiva, Márcia elaborou, com a ajuda de sete profissionais, o Projeto do Núcleo de Educação Ambiental Lagoa Limpa. A idéia é construir um núcleo onde funcionaria uma usina de reciclagem de lixo, produzindo papel e sabão. Haveria ainda um espaço para a exibição de vídeos educativos e a realização de exposições.

Márcia sabe que o seminário foi apenas o pontapé inicial de um plano mais amplo para mudar os hábitos de toda uma comunidade: “a saída é fazer um trabalho conjunto com moradores, ONGs, governo e universidades”. Se a dedicação de poucos voluntários na Fundação Lagoa tem tido bons resultados, a união de um grupo amplo poderia gerar mudanças ainda maiores.

Tatiana Witmann

a9528344@ce.ufsc.br



# Crescimento sem destruição

## População precisa mudar de atitude

"Tua Lagoa formosa, ternura de rosa, poema ao luar..."

Os versos cantados pelo poeta Zininho no "Rancho de Amor à Ilha", que pontuam o caminho que leva até a Lagoa, podem deixar de ser realidade dentro de muito pouco tempo. Com o turismo selvagem, a ocupação desenfreada e a má utilização das águas e áreas verdes, o futuro da Lagoa é incerto. Para agravar a situação, diversos projetos em votação na Câmara de Vereadores podem destruir este patrimônio ecológico e descaracterizando a cultura e a arquitetura locais.

É para reverter este quadro que, durante o seminário, a Fundação Lagoa, técnicos e moradores apresentaram diversas alternativas para viabilizar o desenvolvimento da região sem um comprometimento do ecossistema local.

A primeira e principal solução apontada está inserida no próprio objetivo do seminário: envolver a comunidade na luta pela preservação da Lagoa. De acordo com Márcia de Souza, bióloga e membro da Fundação, chamar os vizinhos e amigos para participar desta mobilização é fundamental para que a comunidade se fortaleça e tenha voz: "Precisamos nos unir para fazer pressão. Se a comunidade não percebe a importância disso, não é o Governo que vai avisar".

Para Márcia, os moradores não devem esperar pelos órgãos públicos, mas agir por conta própria. Para isso, o primeiro passo é uma mudança de atitude, fazendo com que todos se sintam responsáveis pela preservação de seu espaço. "Vale muito mais a pena passear pela Lagoa de bicicleta, andando pelas trilhas, admirando as riquezas naturais e a cultura. Conhecer tudo isso de carro é não interagir com a natureza", explica Alésio dos Passos Santos, secretário-executivo da Fundação.

### O vértice de um "8"

O sistema viário da ilha é visto como um "8", cujo vértice está na Lagoa, onde se dá a integração norte-sul / leste-oeste. O resultado é a convergência de veículos de

diversas partes da ilha para o local. Para a Fundação, a região deveria perder esse caráter de passagem que possui atualmente. A criação de bolsões de estacionamento - equipados com banheiros e quiosques - estimularia os turistas a usarem ônibus panorâmicos. Os carros ficariam concentrados em determinados pontos. "Nossa idéia é desafogar as avenidas, principalmente a das Rendeiras, e inibir ao máximo a utilização de automóveis", explica Alésio Santos.

### Favela de Rico

Na opinião de boa parte dos moradores, os órgãos públicos presentes na Lagoa além de distantes da comunidade, prestam serviços ineficientes. A implantação de uma administração distrital, no lugar da atual Intendência, melhoraria a fiscalização, ajudando e orientando moradores na construção de casas através do fiscal de obras. "Praticamente 90% das construções na Lagoa são irregulares. Com o fiscal, o serviço de acompanhamento seria mais moderno, ágil e próximo da comunidade", sugere Alésio.

Para o secretário, o principal problema da Lagoa é a especulação imobiliária. O grande número de construções irregulares ameaça a fauna e a flora, transformando a região em uma "favela de rico", com aglomerados de mansões à beira da Lagoa.

Um dos pontos mais debatidos no seminário é a educação ambiental da comunidade, ainda pouco mobilizada para a questão. Jeffrey Hoff, outro membro da Fundação, acredita que a boa participação dos moradores no seminário é um sinal de que as pessoas estão tendo mais consciência dos problemas que a Lagoa pode vir a ter no futuro.

Para estimular uma nova maneira de pensar e tratar a Lagoa, envolvendo não apenas o governo e os visitantes, mas também habitantes de toda a ilha, a Fundação lançou o Projeto Parque Lagoa, que sintetiza todas as soluções propostas no seminário, pois seu objetivo básico é buscar a melhor maneira de preservar a riqueza natural

e estimular seu uso adequado. Esta campanha de educação ambiental prevê a publicação e distribuição de cadernos de educação popular, dando dicas sobre temas como lixo, esgoto, água e construção. Além disso placas educativas estimulariam, sem proibir, uma mudança de comportamento nos moradores e visitantes.

Idéias como criar trilhas, demarcar sítios arqueológicos e grutas, catalogar fauna e flora, demarcar e sinalizar parques pretendem "dar vida" às áreas de preservação permanente. "Queremos criar um anel verde em torno da Lagoa. Uma área onde se faça turismo ecológico, passeios escolares e piqueniques", diz Alésio. Todas estas atividades seriam coordenadas por um Centro de Educação Ambiental, que também serviria como posto de coleta seletiva de lixo e reciclagem. Para concluir este projeto falta apenas uma sede, que já está sendo providenciada, segundo o secretário-executivo.

A Fundação pretende estabelecer parcerias com a UFSC e com outras escolas, para desenvolver trabalhos científicos e experiências laboratoriais. Para Alésio, "na UFSC concentram-se muitos pesquisadores, livros e estudos, que poderiam fazer muito mais por nós". Já as escolas entrariam em um projeto de educação para crianças, que inclui passeios ecológicos pelas dunas, com o objetivo de valorizar o uso racional dos recursos.

Alésio Santos acredita que o segmento que mais precisa ser alertado é o empresariado local. "Se for feito um bom trabalho de conscientização com esse grupo, a população toma como exemplo e vai atrás". Perguntado se não estaria sendo utópico, ele é direto: "nós estamos sonhando mesmo. Apesar das barreiras, a gente tem que fazer alguma coisa hoje para não deixar a Lagoa morrer".

**Camila Manfredini**

a9618308@cce.ufsc.br

## Sistema viário atual ignora pedestre

O excesso de circulação de veículos e a falta de um planejamento mais adequado estão comprometendo o trânsito no local. Este problema se agrava durante o período de alta temporada.

Os projetos do IPUF para o desenvolvimento do sistema de circulação são todos da década de 70. De acordo com o arquiteto Michel Mittman, coordenador do grupo, os projetos estão ultrapassados, pois incentivam o uso do automóvel particular e não prevêem corredores para ônibus, nem cicloviárias. Uma ciclovia que ligasse a Lagoa à Beira Mar faria com que as pessoas pudessem deixar o carro em casa, para ir de bicicleta ao trabalho." Ele lembra que só no Rio de Janeiro cerca de um milhão de pessoas utilizam a bicicleta como principal meio de transporte.

Outra alternativa seria a delimitação de trilhas nos parques da Lagoa, um incentivo ao turismo ecológico. A delimitação de trilhas também serviria para controlar a urbanização dentro da área dos parques, impedindo o surgimento de construções irregulares, já que várias pessoas estariam passando pelo local todos os dias.

A proibição do estacionamento na Av. das Rendeiras, outra proposta do grupo, permitiria que pedestres e ciclistas se sentissem mais à vontade para transitar.

Com o objetivo de inibir o uso do automóvel, o grupo de estudos propõe também a melhoria na qualidade do transporte coletivo, tanto terrestre quanto marítimo. A uti-

lização de barcos de passeio como meio alternativo de acesso a pontos turísticos também poderia servir para humanizar o trânsito na Lagoa.

Todas estas propostas serão colocadas à disposi-

ção dos órgãos estaduais e municipais. A duplicação da Av. das Rendeiras e a construção da Via Parque (rodovia estadual ligando o Campeche à Lagoa) estão baseados em antigos projetos do IPUF. Para os arquitetos do grupo, esses projetos agravariam ainda mais o sistema de circulação no local, pois proporcionaria o aumento do número de carros.

A solução apontada no seminário para o problema da circulação na Lagoa é a criação de um novo conceito em transporte, mais humano, com o aproveitamento dos recursos naturais existentes - respeitando pedestres, ciclistas e a comunidade.

**Daniel Búrgio**

a9518309@cce.ufsc.br

**Magaly Negrão**

a9618327@cce.ufsc.br

**Tatiana Witmann**

a961830822@cce.ufsc.br



